

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO
FÍSICA

ANÁLISE FACTORIAL EXPLORATÓRIA DO QUESTIONÁRIO DE
ATITUDES NO DESPORTO (SAQ) E DO QUESTIONÁRIO DE
ORIENTAÇÃO PARA A TAREFA E PARA O EGO (TEOSQ): Um
estudo com atletas dos 13 aos 16 anos

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física, pela Universidade de Coimbra. Sob orientação do Professor Carlos Eduardo Gonçalves e coordenação do Professor Doutor Manuel João Coelho e Silva.

Rui Miguel Quental Cruz

Coimbra, 2005

RESUMO

O presente estudo teve como objectivos analisar a estrutura factorial do questionário das atitudes (SAQ - Sport Attitudes Questionnaire) e do questionário de orientação para a realização de objectivos (TEOSQ - Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire) e comparar/saber se a solução encontrada está de acordo com a solução encontrada no estudo original de Lee e Whitehead (2002) e no estudo de Cardoso (2004).

Contámos com a participação de 993 sujeitos (495 Rapazes e 498 Raparigas), com idades compreendidas entre os 13 e 16 anos e praticantes de 15 modalidades desportivas (Andebol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Canoagem, Futebol, Ginástica, Natação, Hóquei, Patinagem, Remo, Ténis de Mesa, Judo, Voleibol e Ténis), nos contextos escolar e federado. Todas as escolas e clubes envolvidos no estudo pertencem à Zona Centro do país, nomeadamente aos distritos de Aveiro, Coimbra e Viseu.

Para a recolha de dados utilizámos o *Sport Attitudes Questionnaire* (SAQ) de Lee e Whitehead (2002) e o *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ), de Duda e Nichols (1989).

Após a análise e discussão dos resultados obtidos obtivemos as seguintes conclusões: Estão presentes quatro dimensões: “*Cheating*” (batota), “*Gamesmanship*” (antidesportivismo), “*Convention*” (convenção) e “*Commitment*” (compromisso), no SAQ e duas dimensões (“*Tarefa*” e “*Ego*”) no TEOSQ; Todos os factores apresentam adequada consistência interna e não existem itens ambíguos; Existe uma invariância na estrutura factorial do SAQ e do TEOSQ, face aos estudos de Lee & Whitehead (2002) e de Cardoso (2004); E a solução encontrada adequa-se ao modelo proposto por Lee e Whitehead (2002).

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE TABELAS	VI
LISTA DE ABREVIATURAS	VIII
AGRADECIMENTOS	IX
CAPITULO 1: INTRODUÇÃO	1
1.1 Delimitação do Problema	1
1.2 Pertinência do Estudo	3
1.3 Objectivos e Hipóteses do Estudo	4
CAPITULO 2: REVISÃO DA LITERATURA	5
2.1 Atitudes e Valores	5
2.2 Orientação para a realização de objectivos	8
2.3 Caracterização do desporto actual	10
2.4 A influência dos agentes de socialização	14
2.4.1 Os Pais	14
2.4.2 O Treinador/Professor	16
2.4.3 Os companheiros de Equipa	17
2.4.4 Outros	18
CAPITULO 3: METODOLOGIA	20
3.1 Caracterização da Amostra	20
3.2 Instrumentos	21
3.3 Procedimentos e Visitas	21
3.4 Observadores	22
3.5 Análise dos dados	22

CAPITULO 4: APRESENTAÇÃO E DISCUÇÃO DOS RESULTADOS	23
4.1 Atitudes	23
4.2 Orientação para a realização de objectivos	31
CAPITULO 5: CONCLUSÕES	35
5.1 Limitações do Estudo	35
5.2 Conclusões propriamente ditas	36
5.3 Sugestões para futuras pesquisas	37
CAPITULO 6: BIBLIOGRAFIA	38
ANEXO A	45
ANEXO B	47

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição da amostra segundo o género, de acordo com o contexto das modalidades.....	20
Tabela 2. Distribuição da amostra segundo o género, de acordo com o contexto e tipo de modalidade.....	20
Tabela 3. Distribuição da amostra, de acordo com o número de participantes por modalidade praticada.....	21
Tabela 4: Análise de componentes principais do SAQ, no estudo de Cardoso (2004) com rotação varimax (n=482).....	23
Tabela 5: Análise de componentes principais do SAQ, no presente estudo com rotação varimax (n=511).....	24
Tabela 6: Análise de componentes principais do SAQ com rotação varimax, da amostra conjunta de Cardoso (2004) e do presente estudo, sendo n=993.....	25
Tabela 7: Agregação dos itens por dimensões para a amostra do estudo de Cardoso (2004), para a amostra do presente estudo e para a amostra total.....	26
Tabela 8: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 4 dimensões no estudo de Cardoso (2004).....	27
Tabela 9: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 4 dimensões no presente estudo.....	28
Tabela 10: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 4 dimensões no total dos estudos de Cardoso (2004) e no presente estudo.....	29

Tabela 11: Índice de consistência interna (SAQ) das várias dimensões no presente estudo.....	30
Tabela 12: Análise de componentes principais do TEOSQ no estudo de Cardoso (2004) (n=482).....	31
Tabela 13: Análise de componentes principais do TEOSQ no presente estudo (n=511).....	31
Tabela 14: Análise de componentes principais do TEOSQ no estudo conjunto de Cardoso (2004) e presente estudo, sendo o n=993.....	32
Tabela 15: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 2 dimensões no estudo de Cardoso (2004).....	32
Tabela 16: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 2 dimensões no presente estudo.....	33
Tabela 17: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 2 dimensões no total dos estudos de Cardoso 2004 e no presente estudo.....	34
Tabela 18: Índice de consistência interna (TEOSQ) das várias dimensões no presente estudo.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS

SAQ – *Sport Attitudes Questionnaire*

TEOSQ – *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*

et al. – et alii; e outros

AGRADECIMENTOS

Após a elaboração do presente estudo e findo este longo percurso académico, que tanto trabalho, responsabilidade e ensinamentos proporcionou, surge o momento ideal de demonstrar o meu “MUITO OBRIGADO” a todos aqueles que tornaram este percurso e este estudo possível e que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a concretizar este sonho. De uma forma geral, agradeço à minha família, amigos e colegas. Em especial:

Ao Professor Doutor Manuel João Silva (Coordenador) e ao Professor Carlos Gonçalves (Orientador), pela disponibilidade, paciência, ensinamentos, incentivo e auxílio prestado ao longo deste ano lectivo.

Aos treinadores, professores e atletas que tornaram possível a recolha de dados, fundamental para a elaboração deste trabalho.

Aos colegas de seminário, Alexandre Gago, Ana Teixeira e Claudio Marques, pela colaboração no decorrer do processo de recolha de dados.

Aos meus pais, pela compreensão, afecto e importante apoio durante a minha formação académica. Adoro-vos!!!

Ao meu grande irmão, que sempre foi um exemplo e me deu a força e apoio necessário nos momentos difíceis. Pedro és sem duvida o meu ídolo!!!

À minha querida namorada, Marta Ferreira, pelo carinho, paciência e apoio, demonstrado ao longo deste trabalhoso ano de estágio.

Ao meu grande amigo, Luis Carlos, que me aturou ao longo destes cinco anos e conviveu mais de perto com o meu feitiozinho.

À minha amiga Ana Capitão licenciada em Português, pela leitura do trabalho e sugestões propostas.

Aos meus colegas de estágio, Bruno Marto e Luis Rodrigues, pelos grandes momentos que passámos juntos durante este ano lectivo, amigos nunca esquecerei este ano...

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Delimitação do Problema

Actualmente existe uma enorme e contínua sensibilização para a prática de actividades físicas que, no entanto, devem ser acompanhadas de evidências que elucidem a sociedade quanto aos seus benefícios. Infelizmente não existem, no nosso país, estudos que analisem as atitudes e a orientação, para a realização dos objectivos dos jovens atletas.

Segundo Marivoet (2001) os jovens dispõem, hoje em dia, de mais tempo livre para praticarem desporto. É um facto adquirido que este desempenha um papel relevante nos domínios da educação, da saúde e do lazer. Todavia a juventude portuguesa encontra-se actualmente mais sedentária, com uma actividade física menos frequente, tornando-se, conseqüentemente, obesa. Ainda assim, tem-se verificado um crescimento lento e estável da prática desportiva federada, nomeadamente no que diz respeito às modalidades consideradas olímpicas Sobral (1989). Na generalidade dos países, e mais concretamente em Portugal, a participação desportiva aumenta entre o Primeiro e o Terceiro Ciclos do Ensino Básico, decrescendo posteriormente durante o percurso do Ensino Secundário e Superior Whitehead (1993). Esta situação resulta, do facto de a entrada dos alunos nas Universidades reduzir as hipóteses de prática de desporto regular. Uma das principais razões apontadas para este decréscimo prende-se com uma maior necessidade de com vista à obtenção de sucesso escolar.

É tido com certo que jovens activos e saudáveis tornar-se-ão em adultos igualmente activos e saudáveis Silva *et al.* (2003), deste modo, é necessário incentivá-los a praticarem desporto uma vez que contribui para o seu desenvolvimento integral (físico e moral) Matos (1997).

De acordo com Lee *et al.* (2000), o estudo sobre valores tem merecido a atenção de diversos investigadores, nomeadamente no âmbito da Psicologia do Desporto. A aquisição de valores e a tomada de atitudes por parte dos indivíduos deveria ser inerente a todas as práticas educativas e corporais, possuindo perspectivas quer pessoais quer sociais.

Desde os anos 50 até aos nossos dias, o conceito e o papel destes não havia sido alvo de qualquer investigação. A ausência de trabalhos elaborados, nesta área, deve-se à dificuldade em encontrar um modo de se conseguir aferir possíveis resultados de valores e atitudes dos jovens. Só recentemente foi ultrapassada essa lacuna, através do desenvolvimento de um questionário específico sobre os valores face à prática desportiva (YSVQ - Youth Sport Values Questionnaire) e das atitudes perante o desporto (SAQ - Sport Attitudes Questionnaire).

Um dos primeiros trabalhos que incidiu sobre as atitudes dos atletas face à prática desportiva foi conduzido por Kenyon, em 1968, ao utilizar o ATPA (Attitudes Towards Physical Activity). Mais tarde, no ano de 1974, Simons e Smoll adaptaram este instrumento, direccionando-o para os jovens, possibilitando o estudo sobre as populações mais novas (CATPA - Children Attitudes Towards Physical Activity).

Segundo Bento (1990), desde as mais baixas idades, os truques, os processos e as formas de actuação à margem das regras são treinados conscientemente e artifícios fraudulentos são encenados, de modo a atingir o sucesso fácil. Infelizmente em muitas ocasiões, são os próprios agentes de socialização que transmitem exemplos negativos (família, treinadores, professores de Educação Física e colegas). Coelho & Gonçalves (1999) questiona mesmo se os jovens que visualizam os espectáculos desportivos dos atletas de alta competição assimilam os valores mais correctos.

Adelino (1990) & Gonçalves (1999) considera inútil continuar a transmitir valores como a honestidade ou a lealdade no meio desportivo, já que, nas escolas e na realidade social envolvente, os jovens são confrontados com valores opostos.

1.2 Pertinência do Estudo

Até à data, poucos foram os estudos efectuados que incidiram na investigação das atitudes e da orientação para a realização de objectivos na sociedade portuguesa, nomeadamente em relação à actividade desportiva.

Este trabalho surge com o objectivo de identificar as atitudes, face à prática desportiva, e a orientação para a realização de objectivos, no desporto de jovens, comparando os atletas de modalidades colectivas com atletas de modalidades individuais, os atletas masculinos e femininos, o contexto em que a actividade física se desenvolve (Desporto Escolar ou Federado) e qual o nível da prática desportiva (Local ou de Elite). Nesta pesquisa abordámos várias modalidades (Andebol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Canoagem, Futebol, Ginástica, Natação, Hóquei, Patinagem, Remo, Ténis de Mesa, Judo, Voleibol, Ténis e Mini-Golf).

Recolhendo todos os dados referidos anteriormente, temos a possibilidade de realizar uma pesquisa mais aprofundada acerca das atitudes e da orientação para a realização de objectivos de um número alargado de jovens da Zona Centro de Portugal.

São vários os autores que partilham a visão de Gonçalves (1999) quando este assume que o desporto constitui um "factor de desenvolvimento harmonioso e equilibrado da personalidade, produzindo de igual modo benefícios para a saúde, na medida em que o desporto conduzirá a uma forma saudável da vida". O desporto tem de ser acompanhado de acções que sensibilizem os jovens, os pais, os professores e os treinadores, para os riscos da prática desportiva mal orientada.

Pensamos que a orientação para a realização de objectivos e as atitudes demonstradas pelos atletas, traduzem uma escolha individual que orienta a conduta em treino e em competição e presumivelmente são transportados para outras situações do dia-a-dia.

Para terminar o estudo centrar-se em jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos, coincidindo com o momento da vida em que se verificam alterações dos objectivos para os mesmos. De acordo com Whitehead (1993), em princípio, os alunos

já frequentam o Ensino Básico, estando as suas atenções mais voltadas para a independência pessoal, pelo que, nesta fase já podem julgar as suas próprias atitudes e comportamentos, sem que sejam os colegas, pais, professores ou treinadores a realizar tal juízo.

1.3 Objectivos e Hipóteses do Estudo

O presente estudo tem como principais objectivos:

- Analisar a estrutura factorial do questionário das atitudes (SAQ - Sport Attitudes Questionnaire).
- Analisar a estrutura factorial do questionário de orientação para a realização de objectivos (TEOSQp- Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire).
- Comparar e saber se a solução encontrada está de acordo com a solução encontrada no estudo original de Lee e Whitehead (2002) e no estudo de Cardoso (2004).

As hipóteses do estudo são as seguintes:

- Existe uma invariância na estrutura factorial do SAQ e do TEOSQ, face aos estudos de Lee & Whitehead (2002) e de Cardoso (2004).
- A solução encontrada adequa-se ao modelo proposto por Lee e Whitehead (2002).

CAPITULO 2

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Atitudes e Valores

As atitudes e os valores são conceitos que se caracterizam pela proximidade conceptual que revelam entre si. Rokeach *et al.* (1973), indica que a atitude remete para a organização de várias crenças em torno de um objectivo ou situação, enquanto que o valor diz respeito a uma só crença específica.

Andrade (1992) & Fernandes (2000) também foca a distinção entre valores e atitudes. Estes autores referem que os valores subsistem nas atitudes, deste modo, são os valores que determinam as atitudes. Bloom *et al.* (1979) acrescenta que o conceito de valor é mais abstracto e a sua operacionalização resulta do estudo das atitudes. Rokeach *et al.* (1979) considera que enquanto as atitudes se dirigem a um objecto, os valores são mais abstractos e gerais. Esta é a razão pela qual podemos identificar apenas alguns valores nas muitas atitudes diferenciadas.

Como se pode constatar com o estudo de Lee *et al.* (2000) até há bem pouco tempo existiu grande discórdia quanto à natureza do conceito de valor, à sua medição e à construção de um sistema de valores. Hessen (1980) & Sobral (1990) pensa que "valor" pertence "ao número daqueles conceitos supremos que não admitem definição".

Na literatura, os valores surgem como referências na formulação de ideias relativas ao que é considerado bom, bonito ou justo. Estas orientam toda a acção do ser humano (Shigunov & Pereira (1994). O indivíduo é colocado perante situações que o levam a demonstrar um valor em detrimento de outros. Isto leva a crer que existe um escalonamento dos valores consoante a sua importância. Outros autores fazem referência à ordenação hierárquica dos valores, tal como Andrade (1992) & Fernandes

(2000). Lee (2000) define os valores como sendo objectivos transituacionais desejáveis que servem de princípios condutores, na vida de uma pessoa ou entidade social.

O desenvolvimento de valores tem origem na sociedade, assim, é a interacção específica do indivíduo com o meio que vai moldar a sua personalidade e o seu carácter (valores, atitudes...). Deste modo, afiguram-se importantes todas as interacções que envolvem o ser humano. Rockeach *et al.* (1973), confirma que os valores individuais são adquiridos através dos processos de socialização. Em relação às características desta, este autor aponta que estes podem ser terminais (objectivo a atingir pelo qual nos empenhamos) ou instrumentais (modo como nos comportamos).

Lee (1993), procurou também caracterizar os valores e justificá-lo como convicções sensivelmente estáveis e contínuas, que operam de forma consistente perante diferentes situações. Para ele, os valores podem ser:

- Valores como atributo pessoal que respeita a objectivos pessoais (e.g. realização pessoal e reconhecimento social);
- Valores sociais, sendo objectivos comuns a toda a sociedade ou a pequenos grupos organizados (e.g. justiça, liberdade, igualdade, oportunidade);
- Valores de competência, são objectivos pessoais ou a forma como nos comportamos e demonstramos capacidades (e.g. ser capaz, ser ambicioso, etc.);
- Valores morais, representados pelo modo como agimos em situações que envolvem outras pessoas (e.g. ser honesto, aceitar, perdoar).

Em suma, os valores são crenças duradoiras, onde um modo de conduta (pessoal ou social) é preferível a outro, são pensamentos pessoais transmitidos socialmente. Apesar de se afirmar que os valores aparentam relativa estabilidade, não significa que estes não sofram alterações com o passar dos anos, eles evoluem tal como as sociedades.

A primeira definição de atitudes a ser utilizada foi da responsabilidade de Thomas & Znaiecki (1918, citado por Ajzen & Fishbein, 1980), que vê as atitudes como um processo mental que determina os comportamentos do indivíduo. Partindo do pressuposto que a aprendizagem das atitudes ocorre na interacção entre o indivíduo e o

meio, prevê-se que perante a mesma situação, diferentes indivíduos tenham diferentes atitudes, ou seja, o ser humano baseia-se nas experiências anteriores para assumir uma atitude perante uma nova situação.

Segundo Hardy, *et al.* (1996) as atitudes fazem parte integrante da personalidade, baseando-se nas semelhanças entre os dois conceitos, as atitudes (tal como a personalidade) são características individuais relativamente estáveis, que predis põem o indivíduo para determinados comportamentos, contudo, ao contrário da personalidade (mais global), as atitudes predis põem a pessoa para se comportar em relação a um objecto específico e podem ser socialmente positivas ou negativas.

Vários autores dividem as atitudes em três componentes, salientando características comportamentais, afectivas e cognitivas. Em relação ao comportamento, ou orientação pessoal, é a acção que o indivíduo assume tendo em conta o alvo da atitude. quanto à componente afectiva das atitudes, esta refere-se à direcção e à intensidade da própria atitude. Segundo Baron, *et al.* (1974) a componente afectiva das atitudes, baseia-se no cognitivo para avaliar os objectos de forma favorável ou não favorável, por último, a componente cognitiva abarca todo o conjunto de estereótipos, crenças e conhecimento que a pessoa possui em relação ao alvo da atitude.

Em suma, as atitudes são estáveis e equivalentes às características da personalidade de cada indivíduo. Geralmente, dirigem-se a alvos específicos, tais como um conjunto de pessoas, eventos ou ideias, podendo influenciar o desporto ou os comportamentos durante os exercícios a realizar durante a prática desportiva. Por outro lado, as atitudes são aprendidas ou organizadas através da experiência e respondem directamente a objectos específicos. Existem três componentes no estudo das atitudes, de modo a compreender este conceito de uma forma mais completa: a componente cognitiva, a componente afectiva e a componente comportamental.

2.2 Orientação para a realização de objectivos

Na literatura são visíveis dois climas que orientam a vertente para a realização de objectivos: a orientação para a “Tarefa” e a orientação para o “Ego”. Duda (1989), elaborou um questionário (TEOSQ – Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire), que normalmente é utilizado para aferir a orientação dos atletas relativamente à realização de objectivos no desporto.

Segundo Hardy, *et al.* (1996), os elementos direccionados para a orientação voltada para a "Tarefa" preocupam-se principalmente em melhorar as suas capacidades e habilidades individuais, enquanto, que os atletas, cujo interesse se prende com o "Ego", formulam as suas percepções na competência, comparando as suas performances com as de outros participantes. “A preocupação em vencer ou ganhar aos outros pode estar acompanhada de uma pouca preocupação acerca da justiça e espírito desportivo. Quando a vitória é tudo, o melhor é fazer tudo para ganhar” Nicholls (1989, citado por Hardy *et al.* 1996).

Como já foi referido no ponto anterior, os valores originam determinadas atitudes. No entanto, a orientação para a realização de objectivos inerente a cada indivíduo delinea as suas decisões, podendo estas ser mais orientadas para a "Tarefa" ou para o "Ego". No primeiro caso, os resultados obtidos são positivos e orientados para a forma como se processa a tarefa, no segundo as consequências são negativas e prendem-se, geralmente, com a obtenção obsessiva de conquistas individuais ou colectivas.

Gonçalves & Silva (2004) pensam que a orientação para a tarefa está associada ao divertimento durante a prática desportiva e ao desenvolvimento da sociabilidade por parte dos atletas. Também num estudo de Theeboom, *e.t al.* (1995 se verificou que os atletas orientados para a tarefa reportaram níveis de prazer superiores e melhores habilidades técnicas quando comparados com atletas orientados para o ego. Ferrer-Caja & Weiss (2000) afirmam que atletas orientados para a tarefa relatam maior percepção da habilidade desportiva, maior motivação intrínseca e esforçam-se mais durante as actividades físicas. Hardy, *et al.* (1996) refere que estes atribuíam maior importância ao esforço e dispensam a maior parte do seu tempo livre a treinar.

Por outro lado, aquele atleta que procura constantemente destacar-se dos colegas e adversários, transparece orientação para o ego e denota grandes motivações extrínsecas, ou seja, um clima que enfatize a orientação para o ego é um ambiente desportivo que visa a superioridade na performance. Para estes atletas o sucesso ou o insucesso depende da comparação entre os atletas e os resultados por eles obtidos Hardy *et al.* (1996).

Esta situação leva-nos a um segundo plano: a aprendizagem e a melhoria das capacidades individuais. Este facto promove um menor número de auto-percepções positivas, menor motivação intrínseca e défice de afectividade Weiss (1999). O atleta orientado para o ego, aparenta níveis de ansiedade superiores e atribui menor importância ao esforço durante o treino e competição Duda & Chi (1989). Segundo Hardy, *et al.* (1996), não se esforça ao máximo numa tarefa ou competição quando sabe que as probabilidades de ser bem sucedido são reduzidas.

Segundo Nicholls, *et al.* (1989) outro aspecto muito negativo associado ao clima de orientação para o ego é, a maior predisposição destes atletas para o desenvolvimento de comportamentos e atitudes ilegais, na busca de um objectivo. Existe uma correlação positiva entre a orientação para o ego e a realização de batota Duda (1992) & Hardy (1996). De acordo com este autor, os atletas com classificações elevadas nos itens da orientação para o ego, preocupam-se basicamente com duas questões: "O que eu ganho com a prova?" e "O que eu preciso fazer para ganhar?". O autor defende que os atletas que demonstram uma forte orientação para o ego estão mais destinados a possuírem dificuldades sérias de motivação, particularmente quando actuam sob pressão. Duda, (1989) & Ewing, (1981), julgam que a probabilidade dos atletas orientados para o ego abandonarem a modalidade é maior quando comparados com atletas orientados para a tarefa.

A orientação para a tarefa aparenta uma forte relação com uma larga lista de aspectos afectivos. Esta afectividade parece ser muito positiva (e.g. prazer, satisfação, interesse e alegria) e pouco negativa (e.g. aborrecimento, ansiedade e insatisfação). Estes atletas consideram-se bem sucedidos quando sentem o aperfeiçoamento das suas próprias capacidades. Por outro lado, os atletas orientados para o ego, manifestam sobretudo

interesse em demonstrar a sua superioridade, quando comparados com os restantes atletas.

De acordo Ames (1992) & Weiss (1999) deve ser dada primazia a um clima que privilegie a orientação para a tarefa, porque este ambiente promove um desenvolvimento psicológico positivo durante a adolescência, uma outra vantagem é a sua maior eficácia nos programas educativos de habilidades desportivas.

Os alunos independentemente de estarem orientados para a tarefa ou para o ego apresentam-se fortemente ligados à postura dos agentes de socialização e aos objectivos a que o atleta é proposto (e. g. um atleta que constata frequentemente o interesse do pai ou treinador pelos resultados, certamente procurará ser o melhor do grupo - orientado para o ego).

2.3 Caracterização do desporto actual

De acordo com Bento (1990) “não é possível uma ética do desporto à margem de uma ética da sociedade”. As actividades físicas desportivas evidenciam grande potencial para o desenvolvimento de competências sociais e para a formação moral da criança, uma vez que ocorrem em determinados contextos sociais (envolvem experiências e interacções sociais). Sendo assim, é legítimo afirmar que, o desporto além de transmitir o sistema de valores próprio de cada modalidade, reflecte também os valores culturais básicos da sociedade em que está envolvido, tornando-se um “transmissor de cultura”.

A interacção equilibrada entre todos os elementos, promove formas de socialização, afirmação da individualidade e da identidade pessoal e impulsiona a formação integral da criança desenvolvendo capacidades cognitivas, afectivas e motoras através da sua prática continuada. Todavia os indivíduos, ou grupos sociais, não são afectados da mesma forma pelo fenómeno desportivo, pelo que actualmente se verifica uma pluralidade de valores, estilos de vida, interesses, comportamentos e atitudes no desporto.

Os valores que se relacionam com a própria prática e apenas através da actividade física desportiva, consideram-se valores intrínsecos do desporto. Actualmente referenciam-se com frequência quatro elementos: agonístico, lúdico, hedonístico e o higiénico. O agonístico representa a vitória, ou seja o resultado da competição. É esta intencionalidade competitiva que, cada vez mais, capta a atenção e a motivação dos jovens para a prática desportiva, federada ou não, até porque competir é uma característica humana (não visível apenas no desporto) que por si só não deve ser considerada positiva ou negativa. É a forma como a criança lida com o agonístico que poderá determinar a qualidade da sua actuação, assim, a competição deve ser inculcada como forma dela se superiorizar, sem desrespeitar as leis ou os seus pares. Por outro lado, o carácter lúdico do desporto não privilegia ganhar nem competir, mas sim, criar momentos que promovam a diversão, entretenimento, alegria e o bem-estar dos participantes. Geralmente associado ao jogo, o lúdico é uma das razões, se não a principal, pela qual as crianças procuram participar nas actividades físicas desportivas.

Para que a participação desportiva atinja todos os seus níveis de interesse e pertinência, terá que ocorrer uma simbiose perfeita entre estes dois elementos (agonístico e lúdico). No entanto, na actualidade, o desporto jovem federado afasta-se muito do campo lúdico para incidir sobretudo nos aspectos competitivos.

O elemento hedonístico representa o prazer em praticar actividades físicas, sendo este fundamental no momento em que o jovem praticante escolhe a modalidade na qual pretende evoluir e, possivelmente, construir uma carreira desportiva ao mais alto nível. Actualmente fala-se cada vez mais em educação para a saúde e a prática desportiva deve ser considerada como fundamental na educação integral da criança. Assim, entender a actividade física como factor importante para a criação e manutenção de hábitos de vida saudáveis, é entendê-la como actividade higiénica.

Por outro lado, os princípios, as atitudes e os valores culturais visíveis no desporto são considerados extrínsecos e devem contribuir para o bem-estar da comunidade tornando-se importante fomentar no desporto sentimentos que melhorem a convivência em grupo, tais como: solidariedade, fraternidade, liberdade, cooperação, tolerância respeito mútuo, ajuda, comunicação, compreensão, altruísmo.

Relativamente ao estudo dos valores e das atitudes face ao desporto de jovens achamos pertinente identificar porque é que as crianças e os jovens praticam desporto competitivo. Tendo em conta que o sentido do desporto é variado e multidimensional, verificamos que os objectivos da criança no desporto podem incluir não só o sucesso (vencer e/ou jogar bem), mas também o fair play, desportivismo, amizade e tolerância. Whitehead (1993) afirma que a criança participa no desporto para se divertir melhorar qualidades, pertencer a um grupo, ser bem sucedida, ganhar reconhecimento e sentir entusiasmo. No entanto, este é apenas um cenário utópico e desejável, porque é cada vez mais comum o desenvolvimento de valores e de atitudes contrárias.

Segundo Juan *et al.* (2001) o culto da excelência e do elitismo, têm provocado um afastamento do desporto em relação ao seu objectivo primário ao transparecer que, sucesso e glória, se alcançam através da capacidade de se superiorizarem em relação aos demais. Se para muitos atletas o resultado e a vontade de vencer são considerações muito importantes, no fenómeno desportivo, outros vêem a competição desportiva como uma forma de praticar exercício, ultrapassar desafios pessoais ou desfrutar do relacionamento com os colegas Biddle (1993). Num estudo realizado por Lee *et al.* (2000), procurou-se identificar quais os motivos que levam os jovens a praticarem desporto. A resposta mais mencionada foi a diversão, seguida de aquisições pessoais e desportivismo. Vencer foi o motivo ao qual foi dada menor importância. Este sistema de valores é idêntico para todos os sub-grupos estudados: rapazes vs raparigas; desportos colectivos vs desportos individuais; idade (12, 13, 14, 15 anos); competição escolar vs competição distrital vs competição regional (ou superior).

Gonçalves (1999) mostra que os jovens privilegiam a melhoria dos níveis de execução das diversas habilidades motoras, colocando o “resultado” e o “sucesso” em segundo lugar. Os jovens consideraram também importante a “possibilidade de estar com os companheiros/amigos; de criarem novos conhecimentos; de terem alegria e satisfação com o que fazem na prática desportiva, sentirem-se bem”. Segundo Whitehead (1993), encontrados os objectivos que motivam as crianças a participarem em actividades físicas organizadas, torna-se essencial proporcionar situações que promovam estas sensações, caso contrário, os jovens vivem momentos de aborrecimento, insucesso ou falta de interesse, podendo mesmo provocar o abandono desportivo. Todavia, não é fácil

para o treinador identificar e conciliar a grande diversidade de objectivos que as crianças traçam para a sua participação no desporto. Esta dificuldade é acrescida pelo facto de, assim como na vida em geral, também no desporto as crianças terem diferentes razões para justificar os seus actos, e algumas destas razões variam de dia para dia.

Particularmente nos desportos colectivos existe a necessidade de direccionar os interesses de todos os elementos da equipa, para objectivos que a todos sirvam e agradem. É comum que na mesma equipa, sobretudo em escalões etários mais baixos, existam elementos com o objectivo de vencer e ser melhor que os demais (orientados para o ego), enquanto outros colegas se interessam, sobretudo, por desenvolver as suas habilidades técnicas (orientados para a tarefa) ou simplesmente desfrutem o prazer de conviver com os amigos. Acontece muitas vezes vermos atletas a abandonarem a prática desportiva regular por desmotivação, desinteresse ou aborrecimento, dado que nem todos conseguiram alcançar com a sua participação desportiva o interesse que os mantinha na mesma. Actualmente observamos que os valores no desporto se modificaram, à semelhança da sociedade, valorizando-se cada vez mais os interesses económicos. As novas tecnologias e inovações permitem ao Homem correr mais rápido e saltar mais alto, ainda que coloquem em risco a saúde e até a vida dos atletas em determinados momentos.

Em suma, a prática desportiva pode contribuir para a formação do carácter e tem um efeito positivo nas capacidades de relacionamento e de envolvimento social da criança e do jovem. No entanto, a exagerada competição desportiva pode promover comportamentos agressivos, que se traduzem no desrespeito pelas normas sociais. Não podemos deixar de referir que o interesse da maioria dos clubes federados é formar jovens que consigam singrar no desporto sénior. Por isso, desde cedo é transmitida aos jovens a necessidade de superarem os adversários e de alcançar a vitória, a todo o custo se necessário. Com esta política transferem-se os aspectos nefastos do desporto sénior para o desporto jovem (e. g. os atletas são conscientemente treinados para actuar à margem das leis para ganharem vantagem). Infelizmente é usual momentos de violência (verbal e física) nas instalações desportivas, durante a competição juvenil, devido ao fanatismo e à excessiva importância atribuída à vitória pelos atletas, treinadores, dirigentes e adeptos.

2.4 A influência dos agentes de socialização

Segundo Martens (1978), “não é o confronto, a competição ou o tipo de desporto praticado que determina automaticamente o valor das actividades desportivas para as crianças e os jovens; é antes do mais a natureza das experiências vividas, nessas actividades. São as interacções com os pais, os treinadores, professores, os companheiros de equipa e a assistência que vão determinar se a prática desportiva ajuda ou não a criança e o jovem, a adquirirem uma sã convivência social e desportiva”.

Outros estudos são também, consistentes ao indicarem que o modo como as crianças “vivem” e praticam desporto é fortemente influenciado pela sua relação com os colegas, pais, treinadores e escola (Gonçalves, 1999; Lee 1993; Matos, 1997; Waring, 1995). Tucker & Parks (2001) reforçam esta teoria, ao declararem que os atletas apreendem comportamentos agressivos através da influência dos grupos sociais primários, tais como os colegas de equipa e treinadores. A participação dos agentes de socialização deve ser bem ponderada, dado que também a exagerada interferência na participação desportiva da criança a prejudica. A criança sente-se pressionada por terceiros, tende a inibir-se ou até a abandonar o desporto competitivo.

2.4.1 Os Pais

Segundo Alves *et al.* (2002), a família desempenha um papel importante para a participação e socialização desportiva da criança. Estudos realizados com atletas em idade adulta confirmam esta ideia. Assim, Hemery (1986) indica que atletas de classe mundial declararam ter uma boa relação com os pais e muitos atletas já em fase adulta admitiram que, grande parte dos seus comportamentos no desporto, têm origem nos comportamentos dos respectivos pais Snyder & Spreitzer (1973). Esta situação deriva dos pais actuarem como modelos e aplicarem uma série de comportamentos que a criança tende a imitar.

De acordo com Klesges *et al.* (1984), existe uma correlação positiva entre o encorajamento dos pais e a participação desportiva dos filhos. Apresentando-se esta ligação mais vincada durante a infância (5-12 anos) do que na adolescência Woolger & Power (1993). Averill (1987) descobriu uma relação positiva entre as expectativas dos pais (relativas às performances dos filhos) e o prazer que as crianças sentiam em praticar desporto. Também as atitudes e os comportamentos negativos dos pais estão inversamente correlacionados com o prazer sentido pelas crianças na prática desportiva (Omdussen & Valglum (1991).

McElroye & Kirkendall (1981, citados por Gonçalves, 1988) apresentam uma relação directa entre o espírito desportivo demonstrado por jovens (10-18 anos) e a percepção que estes têm do comportamento dos seus pais no contexto desportivo. Quanto mais os pais exigem (ganhar, jogar bem, ser o melhor) menos o comportamento dos jovens atletas se assemelha ao espírito desportivo. Weiss (1999) afirma que as crianças que sentem menor pressão relativamente à performance, vinda dos seus progenitores, apresentaram maiores índices de alegria e de prazer durante a época desportiva.

Gonçalves (1999) apela a uma participação ponderada no universo desportivo. Este autor diz que muitos treinadores vêem os pais como agentes importantes na socialização dos jovens praticantes, no entanto, atribuem-lhes ao mesmo tempo uma série de considerações negativas, tais como: “pressionam demasiado os jovens”; “interferem frequentemente na acção do treinador” e “não se comportam bem durante as competições”.

Concluiu-se que a decisão da criança em permanecer ou abandonar o universo desportivo é largamente influenciada pelas expectativas e comportamentos dos pais. Estes devem aconselhar e acompanhar a carreira desportiva do filho, encorajando-o para uma prática desportiva correcta e saudável (demonstrando também eles próprios um comportamento digno capaz de servir de modelo). A sua influência é particularmente visível no esclarecimento da importância das actividades físicas desportivas, nos feedbacks relativos às competências e performances do jovem atleta, e através da oferta de um suporte financeiro que possibilite cobrir todas as despesas inerentes. As interacções entre pais/filhos podem ser positivas (e.g. apoio permanente, encorajamento,

criação de experiências gratificantes) ou negativas (e.g. pressão, crenças estereotipadas relativas á participação desportiva, comportamentos contrários ao espírito desportivo, falta de acompanhamento) consoante os comportamentos demonstrados no contexto desportivo. No entanto, a formação moral do jovem não se restringe à família, visto que, as interacções com outros grupos são também transmissoras de vivências, conhecimentos e sentimentos extremamente importantes.

2.4.2 O Treinador/Professor

Segundo Lee (1993) a função dos treinadores não se reduz à simples transmissão de conhecimentos desportivos (técnicos e táticos). Esta visão é suportada pelo facto do treinador ocupar uma posição privilegiada na transmissão de valores que promovam o correcto desenvolvimento dos atletas. O autor acrescenta ainda que a forma como se treina reflecte os valores do próprio treinador.

Não há dúvida que, a postura do treinador face ao sucesso e ao insucesso da criança, ou a forma como se relaciona com os restantes agentes desportivos, são exemplos de como este influencia o atleta ao nível da apreensão de valores e atitudes. Esta importância acresce quando o treinador é responsável pela formação de jovens atletas, dado que estes são mais facilmente influenciáveis e experienciam constantemente novas situações. É de referir, que muitos jovens atletas tendem a ver o treinador como um modelo, um exemplo a seguir.

De acordo com Lee (1993) “eles pensam como o treinador pensa, as suas atitudes são as atitudes do treinador, os seus valores são os valores do treinador”. Deste modo, é importante compreender que todos os valores susceptíveis de serem transmitidos, serão mais facilmente adoptados pelos jovens, se as palavras do treinador estiverem de acordo com as suas próprias acções. Muitas vezes no decorrer da competição, o treinador vive dilemas passíveis de provocarem decisões contrárias ao espírito desportivo e aos valores que pretendem transmitir. Por exemplo, numa competição importante, o treinador pode inculcar nos atletas ambições desmedidas (transformando a vitória num objectivo a alcançar a qualquer custo), ou pelo contrário, inspirar a aceitação da derrota e da superioridade adversária após um fracasso.

Vaz (1974) & Matos (1997) analisou os comportamentos de treinadores e jovens atletas (8-10 anos) e constatou que as crianças assumiam atitudes menos desportivas quando pressentiam nos treinadores excessivo empenho pela vitória. É de referir que, o treinador tem também o dever de motivar os atletas para que estes participem de forma alegre, animada e divertida. Assim, os atletas com boas performances devem ser louvados pela obtenção de tais feitos, enquanto que os atletas menos aptos devem ser continuamente encorajados. As críticas devem ser positivas e conter feedbacks que promovam o aperfeiçoamento das diferentes acções.

Lee (1993) afirma que no treino de jovens, os valores que o treinador aparenta, depressa são apreendidos por estes. O treinador transforma-se rapidamente em “modelo” a seguir pelos atletas, pois estes precisam de pontos de referência onde basear a sua conduta. As decisões dos treinadores devem satisfazer o atleta, possibilitando o seu sucesso em detrimento dos interesses do próprio treinador. O mesmo autor em (2000) refere que será importante saber, qual é o interesse dos treinadores em assumir tal função, sobretudo quando envolve crianças ou jovens. Acrescenta ainda que é errado procurar realizar e atingir os objectivos individuais através dos atletas. Segundo Alves (2002), “O treino pode ser educacional se for orientado de modo a contribuir para o desenvolvimento total da pessoa”.

2.4.3 Os companheiros de Equipa

Segundo Weiss (1999), é legítimo afirmar que estes contribuem para o desenvolvimento do indivíduo, uma vez que o indivíduo age grande parte do dia-a-dia com os “peer group”. Esta interacção embora contínua ao longo da vida é principalmente visível no final da infância e na adolescência, momentos do seu desenvolvimento em que os jovens procuram obter alguma autonomia.

Em determinadas alturas da nossa vida, pertencemos a múltiplos grupos, tais como a escola, a equipa, ou a família. Toda a criança que pertence a um grupo, ou pretende pertencer, tende a agir de forma a ser aceite pelo mesmo. Para tal, adopta

comportamentos que não sendo os seus, entende como os desejáveis pelos restantes elementos do grupo. Por este motivo. Silva (1974) & Fernandes (2000), considera-se o desporto como um veículo de aculturação pelo facto do grupo influenciar o novo elemento, ou seja, um jogador ao entrar numa equipa, irá muito provavelmente adquirir novos valores que assimilará em detrimento dos que já possuía.

Gonçalves (1988) sugere que servindo os atletas de “modelo” entre si, estes vão exercer uma influência importante na formação desportiva e social dos seus companheiros, através das relações inter-individuais. Matos (1997) refere que na maioria dos modelos, a vitória a todo o custo é o objectivo primordial e estes modelos têm de ser desmistificados com o auxílio dos pais, treinadores, média, etc. Muitas vezes o ambiente desportivo que acolhe o atleta fomenta em demasia a competição, o colega deixa de ser visto como um colaborador, passando a actuar como rival. Esta conjuntura impede a cooperação, diálogo e companheirismo entre as crianças. É importante, um ambiente que estimule a cooperação, pois torna os atletas mais sensíveis às necessidades e aos problemas dos outros e com esta atitude os jovens ajudar-se-ão mutuamente na procura do sucesso, seja ele no contexto desportivo (individual e colectivo) ou social.

Sintetizando, o grupo reflecte valores, crenças, objectivos, interesses, atitudes e motivações que habitualmente são comuns a todos os membros.

2.4.4 Outros

Existem outros agentes além dos pais, dos treinadores e dos colegas, que interagem fortemente com o atleta, potenciando o seu desenvolvimento. De acordo com Violante (2000), a formação contínua e integral da criança requer mais do que uma formação livresca, pelo que outras instituições, tais como os clubes e associações assumem grandes responsabilidades na sua formação enquanto indivíduo único, autónomo, criativo e saudável. Os clubes desportivos têm a missão de “acolher jovens que pretendem desenvolver as suas capacidades e qualidades físicas, que querem desenvolver atitudes de cooperação e solidariedade, que desejam conviver e fazer amigos”. A instituição desportiva, deve então, submeter os jovens atletas a um desenvolvimento integral harmonioso e orientado, que lhe sirva de suporte para a obtenção dos objectivos individuais.

No entanto, a política competitiva de alguns clubes promove atitudes, valores e comportamentos menos próprios de um atleta. O treinador é também muitas vezes, alvo de pressões indesejadas que o obrigam a assumir posturas e decisões erradas na formação do atleta, atitude que terá repercussões na construção pessoal do indivíduo. Os meios de comunicação também influenciam a consciência moral dos indivíduos, através dos dilemas, dos desafios e das novas formas de agir, por exemplo ao divulgarem frequentemente modelos (ídolos) que as crianças tendem a imitar, estão a interferir na formação integral da mesma.

Segundo Gonçalves (1988), “Através das suas atitudes e comportamentos, os jovens praticantes “aprendem” não só este ou aquele gesto técnico ou habilidade, mas de igual modo são “sensíveis” a esta ou aquela atitude praticada pelos seus ídolos”. Os jovens, ao assumirem estes atletas como “heróis”, pretendem imitá-los sempre que possam, sem identificarem o positivo e o negativo. Os atletas profissionais devem tomar consciência da interferência que têm na formação integral das crianças e da responsabilidade social advinda da projecção dos seus comportamentos na comunidade. Infelizmente, continua-se a transmitir para milhões de espectadores imagens degradantes do desporto profissional, (e.g. insultos facilmente percebidos através da televisão, agressões a colegas de profissão e batota continuada).

CAPITULO 3

METODOLOGIA

3.1 Caracterização da Amostra

No presente estudo, contamos com a participação de 993 sujeitos (495 Rapazes e 498 Raparigas), com idades compreendidas entre os 13 e 16 anos e praticantes de 15 modalidades desportivas (Andebol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Canoagem, Futebol, Ginástica, Natação, Hóquei, Patinagem, Remo, Ténis de Mesa, Judo, Voleibol e Ténis), nos contextos escolar e federado. Todas as escolas e clubes envolvidos no estudo pertencem à Zona Centro do país, nomeadamente aos distritos de Aveiro, Coimbra e Viseu.

Tabela 1. Distribuição da amostra segundo o género, de acordo com o contexto das modalidades. (n=993)

Contexto	Masculino	Feminino	Total
	n	n	
Federado	282	273	555
Escolar	213	225	438
Total	495	498	993

Tabela 2. Distribuição da amostra segundo o género, de acordo com o contexto e tipo de modalidade (n=993)

	Federado		Escolar	
	Individual	Colectivo	Individual	Colectivo
Masculino	156	126	109	104
Feminino	124	149	116	109
Total	280	275	225	213

Tabela 3. Distribuição da amostra, de acordo com o número de participantes por modalidade praticada. (n=993)

Modalidades Colectivas (n = 488)		Modalidades Individuais (n = 505)	
Andebol	47	Atletismo	129
Basquetebol	148	Badminton	63
Futebol	156	Canoagem	3
Hóquei	10	Ginástica	57
Voleibol	127	Judo	44
		Natação	146
		Patinagem	0
		Remo	10
		Ténis de Mesa	37
		Ténis	16

3.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados no presente estudo foram dois questionários:

- “*Sport Attitudes Questionnaire*” (SAQ) de Lee & Whitehead (2002), com autorização dos mesmos, cuja tradução e adaptação para Português seguiu os procedimentos descritos no estudo de Lourenço (2004).
- “*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*” (TEOSQ), de Duda & Nichols (1989), traduzido e adaptado para Português por Fonseca (1999).

3.3 Procedimentos e Visitas

As várias visitas efectuadas foram sempre precedidas de um contacto formal que permitiu o esclarecimento do contexto da tarefa e do seu procedimento. O preenchimento dos questionários por parte dos atletas teve lugar no início ou no final dos treinos e competições desportivas, após breves instruções verbais, durando cerca de 15 minutos. O anonimato e a consequente confidencialidade das respostas foram assegurados, logo à partida, para salvaguardar os inquiridos. Os questionários foram aplicados após autorização concedida pela Comissão Nacional de Protecção de Dados.

3.4 Observadores

A “equipa” de observadores, constituída por quatro alunos de seminário, foi coordenada e orientada pelos Orientadores do seminário. É de realçar que todos os alunos de seminário contaram com a colaboração de vários colegas para a aplicação dos questionários nas suas escolas.

3.5 Análise dos dados

Para a análise estatística dos dados foi utilizado o programa de estatística SPSS (versão 10.0). Depois de verificados todos os dados, foi realizada a análise factorial exploratória, para o (SAQ) e (TEOSQp) e seguidamente computado o alfa de Cronbach.

CAPITULO 4

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Atitudes

Para este instrumento, “*Sport Attitudes Questionnaire*” (SAQ), foi efectuada a análise de componentes principais, utilizando a rotação varimax. O resultado revelou-nos quatro dimensões: *Cheating* (batota), *gamesmanship* (antidesportivismo), *Convention* (convenção) e *commitment* (compromisso).

Cardoso (2004)

Tabela 4: Análise de componentes principais do SAQ, no estudo de Cardoso (2004) com rotação varimax (n=482)

Item	Comunalidades	F1	F2	F3	F4	Dimensão
1. “Vou a todos os treinos”	0.12					
2. “Às vezes perco tempo a perturbar o adversário”	0.32	0.51				Batota
3. “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”	0.66	0.78				Batota
4. “Cumprimento os meus adversários depois de uma derrota”	0.50			0.70		Convenção
5. “Se os outros fazem batota, penso que também posso fazer”	0.50	0.67				Batota
6. “Dou sempre o meu melhor”	0.47				0.66	Compromisso
7. “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”	0.59		0.70			Anti desportivismo
8. “Cumprimento o treinador adversário”	0.49			0.69		Convenção
9. “Faço batota se ninguém der por isso”	0.75	0.83				Batota
10. “Por vezes tento enganar os meus adversários”	0.47	0.53	0.42			Ambíguo
11. “Estou sempre a pensar em como posso melhorar”	0.56				0.71	Compromisso
12. “Felicitos os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”	0.44			0.63		Convenção
13. “Por vezes é preciso fazer batota”	0.62	0.73				Batota
14. “Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras”	0.60		0.66			Anti desportivismo
15. “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”	0.43				0.66	Compromisso
16. “Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”	0.64	0.70				Batota
17. “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”	0.62			0.78		Convenção
18. “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”	0.64		0.72			Anti desportivismo
19. “Por vezes faço batota para obter vantagem”	0.68	0.73				Batota
20. “É uma boa ideia irritar os meus adversários”	0.64		0.72			Anti desportivismo
21. “Não desisto mesmo depois de ter cometido erros”	0.34				0.53	Compromisso
22. “Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”	0.54			0.70		Convenção
23. “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”	0.57		0.69			Anti desportivismo

Presente Estudo

Tabela 5: Análise de componentes principais do SAQ, no presente estudo com rotação varimax (n=511)

Item	Comunalidades	F1	F2	F3	F4	Dimensão
1. “Vou a todos os treinos”	0.35				0.54	Compromisso
2. “Às vezes perco tempo a perturbar o adversário”	0.48		0.62			Anti desportivismo
3. “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”	0.69	0.78				Batota
4. “Cumprimento os meus adversários depois de uma derrota”	0.64			0.75		Convenção
5. “Se os outros fazem batota, penso que também posso fazer”	0.56	0.65				Batota
6. “Dou sempre o meu melhor”	0.43				0.61	Compromisso
7. “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”	0.66		0.79			Anti desportivismo
8. “Cumprimento o treinador adversário”	0.47			0.67		Convenção
9. “Faço batota se ninguém der por isso”	0.71	0.76				Batota
10. “Por vezes tento enganar os meus adversários”	0.50		0.61			Anti desportivismo
11. “Estou sempre a pensar em como posso melhorar”	0.47				0.66	Compromisso
12. “Felicitos os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”	0.45			0.54		Convenção
13. “Por vezes é preciso fazer batota”	0.72	0.80				Batota
14. “Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras”	0.72		0.81			Anti desportivismo
15. “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”	0.58				0.74	Compromisso
16. “Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”	0.79	0.81				Batota
17. “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”	0.67			0.77		Convenção
18. “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”	0.65		0.74			Anti desportivismo
19. “Por vezes faço batota para obter vantagem”	0.77	0.80				Batota
20. “É uma boa ideia irritar os meus adversários”	0.60		0.70			Anti desportivismo
21. “Não desisto mesmo depois de ter cometido erros”	0.45				0.66	Compromisso
22. “Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”	0.64			0.78		Convenção
23. “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”	0.41		0.48			Anti desportivismo

Quando existe um item com cargas factoriais superiores a 0.30 comum a mais que dois factores, designa-se um item ambíguo, no presente estudo tal acontece em 6 dos 23 itens. Quando a diferença entre as duas cargas factoriais tem magnitude superior a 0.15 pode-se fazer a opção por colocar o item no factor onde a carga é mais elevada. Este procedimento resolve os 6 casos “problemáticos”.

Total: Cardoso (2004) + Presente Estudo**Tabela 6:** Análise de componentes principais do SAQ com rotação varimax, da amostra conjunta de Cardoso (2004) e do presente estudo, sendo n=993

Item	Comunalidades	F1	F2	F3	F4	Dimensão
1. “Vou a todos os treinos”	0.23				0.42	Compromisso
2. “Às vezes perco tempo a perturbar o adversário”	0.38		0.54			Anti desportivismo
3. “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”	0.68	0.77				Batota
4. “Cumprimento os meus adversários depois de uma derrota”	0.56			0.71		Convenção
5. “Se os outros fazem batota, penso que também posso fazer”	0.53	0.64				Batota
6. “Dou sempre o meu melhor”	0.47				0.67	Compromisso
7. “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”	0.62		0.76			Anti desportivismo
8. “Cumprimento o treinador adversário”	0.51			0.70		Convenção
9. “Faço batota se ninguém der por isso”	0.72	0.78				Batota
10. “Por vezes tento enganar os meus adversários”	0.48		0.57			Anti desportivismo
11. “Estou sempre a pensar em como posso melhorar”	0.50				0.68	Compromisso
12. “Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”	0.47			0.62		Convenção
13. “Por vezes é preciso fazer batota”	0.68	0.77				Batota
14. “Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras”	0.68		0.79			Anti desportivismo
15. “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”	0.53				0.72	Compromisso
16. “Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”	0.72	0.76				Batota
17. “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”	0.65			0.77		Convenção
18. “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”	0.63		0.73			Anti desportivismo
19. “Por vezes faço batota para obter vantagem”	0.73	0.76				Batota
20. “É uma boa ideia irritar os meus adversários”	0.61		0.71			Anti desportivismo
21. “Não desisto mesmo depois de ter cometido erros”	0.34				0.56	Compromisso
22. “Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”	0.58			0.73		Convenção
23. “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”	0.44		0.55			Anti desportivismo

Como se pode observar nas tabelas 4, 5 e 6, não houve alteração da estrutura factorial, sendo notados alguns afinamentos, a saber: o item 1 “vou a todos os treinos”, que não entrava em nenhum factor no estudo de Cardoso (2004), no presente estudo, é um marcador do factor interpretado como “Compromisso”. O item 2 “Às vezes perco tempo a perturbar o adversário que no estudo de Cardoso 2004 entrava na dimensão “Batota”, no presente estudo entra na dimensão “Anti desportivismo”. O item 10 “Por vezes tento enganar os meus adversários” classificado como ambíguo no estudo de Cardoso 2004,

mantém a ambiguidade no presente estudo, com clara dominância no domínio “Anti desportivismo”. Adoptando um valor de corte de 0.40 não existem itens ambíguos.

Como se pode observar, no presente estudo melhoram as saturações e foram resolvidos os pequenos problemas encontrados no estudo de Cardoso (2004).

Tabela 7: Agregação dos itens por dimensões para a amostra do estudo de Cardoso (2004), para a amostra do presente estudo e para a amostra total.

Itens	2004 (n=482)	2005 (n=511)	Total (n=993)
1. “Vou a todos os treinos”		Compromisso	Compromisso
2. “Às vezes perco tempo a perturbar o adversário”	Batota	Anti desportivismo	Anti desportivismo
3. “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”	Batota	Batota	Batota
4. “Cumprimento os meus adversários depois de uma derrota”	Convenção	Convenção	Convenção
5. “Se os outros fazem batota, penso que também posso fazer”	Batota	Batota	Batota
6. “Dou sempre o meu melhor”	Compromisso	Compromisso	Compromisso
7. “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”	Anti desportivismo	Anti desportivismo	Anti desportivismo
8. “Cumprimento o treinador adversário”	Convenção	Convenção	Convenção
9. “Faço batota se ninguém der por isso”	Batota	Batota	Batota
10. “Por vezes tento enganar os meus adversários”	Ambíguo	Anti desportivismo	Anti desportivismo
11. “Estou sempre a pensar em como posso melhorar”	Compromisso	Compromisso	Compromisso
12. “Felicitos os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho”	Convenção	Convenção	Convenção
13. “Por vezes é preciso fazer batota”	Batota	Batota	Batota
14. “Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras”	Anti desportivismo	Anti desportivismo	Anti desportivismo
15. “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”	Compromisso	Compromisso	Compromisso
16. “Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”	Batota	Batota	Batota
17. “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”	Convenção	Convenção	Convenção
18. “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”	Anti desportivismo	Anti desportivismo	Anti desportivismo
19. “Por vezes faço batota para obter vantagem”	Batota	Batota	Batota
20. “É uma boa ideia irritar os meus adversários”	Anti desportivismo	Anti desportivismo	Anti desportivismo
21. “Não desisto mesmo depois de ter cometido erros”	Compromisso	Compromisso	Compromisso
22. “Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”	Convenção	Convenção	Convenção
23. “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”	Anti desportivismo	Anti desportivismo	Anti desportivismo

Tabela 8: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 4 dimensões no estudo de Cardoso (2004)

Dimensão	Item		Carga Factorial
Batota	9	“Faço batota se ninguém der por isso”	0.83
	3	“Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”	0.78
	13	“Por vezes é preciso fazer batota”	0.73
	16	“Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”	0.73
Anti desportivismo	7	“Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”	0.72
	18	“Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”	0.72
	20	“É uma boa ideia irritar os meus adversários”	0.70
	23	“Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”	0.69
Convenção	17	“Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”	0.77
	22	“Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”	0.73
	4	“Cumprimento os meus adversários depois de uma derrota”	0.71
	8	“Cumprimento o treinador adversário”	0.70
Compromisso	11	“Estou sempre a pensar em como posso melhorar”	0.71
	6	“Dou sempre o meu melhor”	0.66
	15	“Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”	0.66
	21	“Não desisto mesmo depois de ter cometido erros”	0.53

Como se pode observar através da tabela 8 e, no que diz respeito à dimensão “Batota”, os 4 itens com maior carga factorial são: o item 9 “Faço batota se ninguém der por isso”; o item 3 “Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”; o item 13 “Por vezes é preciso fazer batota” e o item 16 “Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”. Relativamente à dimensão “Anti desportivismo” os 4 itens com maior carga factorial são: o item 7 “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”; o item 18 “Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”; o item 20 “É uma boa ideia irritar os meus adversários” e o item 23 “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade”.

Na dimensão “Convenção” encontram-se como os 4 itens com maior carga factorial o item 17 “Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”; o item 22 “Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”; o item 4 “Cumprimento os meus adversários depois de uma derrota” e o item 8 “Cumprimento o treinador adversário”.

Por fim, para a dimensão “Compromisso” os 4 itens com maior carga factorial são: o item 11 “Estou sempre a pensar em como posso melhorar”; o item 6 “Dou sempre o meu melhor”; o item 15 “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder” e o item 21 “Não desisto mesmo depois de ter cometido erros”.

Tabela 9: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 4 dimensões no presente estudo.

Dimensão	Item		Carga Factorial
Batota	16	“Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”	0.81
	13	“Por vezes é preciso fazer batota”	0.80
	19	“Por vezes faço batota para obter vantagem”	0.80
	3	“Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”	0.78
Anti desportivismo	14	“Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras”	0.81
	7	“Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”	0.79
	18	“Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”	0.74
	20	“É uma boa ideia irritar os meus adversários”	0.70
Convenção	22	“Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”	0.78
	17	“Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”	0.77
	4	“Cumprimento os meus adversários depois de uma derrota”	0.75
	8	“Cumprimento o treinador adversário”	0.67
Compromisso	15	“Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”	0.74
	11	“Estou sempre a pensar em como posso melhorar”	0.66
	21	“Não desisto mesmo depois de ter cometido erros”	0.66
	6	“Dou sempre o meu melhor”	0.61

No presente estudo os 4 itens com maiores cargas factoriais para as várias dimensões são praticamente os mesmos que no estudo de Cardoso (2004), difere em alguns casos na carga factorial.

Apenas se verificam diferenças na dimensão “Batota”, em que o item 9 “Faço batota se ninguém der por isso” no estudo de Cardoso (2004) é substituído no presente estudo por o item 19 “Por vezes faço batota para obter vantagem”. Também na dimensão “Anti desportivismo” em que se observa uma diferença o item 23 “Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade” desaparece e é substituído por o item 14 “Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras”.

Tabela 10: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 4 dimensões no total dos estudos de Cardoso (2004) e no presente estudo.

Dimensão	Item		Carga Factorial
Batota	9	“Faço batota se ninguém der por isso”	0.78
	3	“Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar”	0.77
	13	“Por vezes é preciso fazer batota”	0.77
	16	“Não há problemas em fazer batota se ninguém notar”	0.76
	19	“Por vezes faço batota para obter vantagem”	0.76
Anti desportivismo	14	“Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras”	0.79
	7	“Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo”	0.76
	18	“Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco”	0.73
	20	“É uma boa ideia irritar os meus adversários”	0.71
Convenção	17	“Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários”	0.77
	22	“Depois de ganhar cumprimento os meus adversários”	0.73
	4	“Cumprimento os meus adversários depois de uma derrota”	0.71
	8	“Cumprimento o treinador adversário”	0.70
Compromisso	15	“Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder”	0.72
	11	“Estou sempre a pensar em como posso melhorar”	0.68
	6	“Dou sempre o meu melhor”	0.67
	21	“Não desisto mesmo depois de ter cometido erros”	0.56

A análise dos quatro itens com maior carga factorial na estrutura tetra-dimensional que resulta do SAQ parece invariante nos estudos de Cardoso (2004) e no presente estudo – ver tabela 10.

Salienta-se que na análise factorial por nós efectuada, na dimensão *antidesportivismo*, o item 23 “tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade” assinalado no estudo de Cardoso (2004), não consta do presente estudo, na dimensão *batota*, é assinalado o item 19 “Por vezes faço batota para obter vantagem”, que não consta do estudo precedente.

Tabela 11: Índice de consistência interna das várias dimensões no presente estudo

Dimensão	Item	Alfa se o item for eliminado	Alfa
Batota	3	0.87	0.89
	9	0.86	
	13	0.86	
	16	0.84	
Anti desportivismo	7	0.74	0.80
	18	0.73	
	20	0.73	
	23	0.80	
Convenção	4	0.69	0.78
	8	0.80	
	17	0.69	
	22	0.71	
Compromisso	6	0.62	0.67
	11	0.61	
	15	0.54	
	21	0.64	

Como se pode verificar na tabela 11, todos os factores apresentam uma adequada consistência interna. É de salientar que as dimensões com melhor índice de consistência interna são a “Batota” e o “Anti desportivismo” e as dimensões “Convenção” e “Compromisso” apresentam valores um pouco mais baixos, mas ainda assim razoáveis.

4.2 Orientação para a realização de objectivos

Para este instrumento, “*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*” (TEOSQ), foi efectuada a análise de componentes principais, com rotação varimax.

O resultado revelou-nos duas dimensões: (“*Tarefa*” e “*Ego*”).

Cardoso (2004)

Tabela 12: Análise de componentes principais do TEOSQ no estudo de Cardoso (2004) (n=482)

Item	Comunalidades	F1	F2	Dimensão
1. “... sou o único a executar as técnicas”	0.53	0.73		Ego
2. “...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais”	0.43		0.66	Tarefa
3. “...consigo fazer melhor do que os meus colegas”	0.60	0.77		Ego
4. “...os outros não conseguem fazer tão bem como eu”	0.62	0.77		Ego
5. “...aprendo algo que me dá prazer fazer”	0.48		0.69	Tarefa
6. “...os outros cometem erros e eu não”	0.63	0.77		Ego
7. “...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante”	0.52		0.72	Tarefa
8. “... trabalho realmente bastante”	0.35		0.55	Tarefa
9. “...ganho a maioria das provas ou marco a maioria dos pontos”	0.45	0.67		Ego
10. “...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais”	0.54		0.73	Tarefa
11. “...sou o melhor”	0.62	0.79		Ego
12. “... Sinto que uma técnica que aprendo está bem”	0.31		0.46	Tarefa
13. “... Faço o meu melhor”	0.42		0.65	Tarefa

Presente Estudo

Tabela 13: Análise de componentes principais do TEOSQ no presente estudo (n=511)

Item	Comunalidades	F1	F2	Dimensão
1. “... sou o único a executar as técnicas”	0.44	0.64		Ego
2. “...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais”	0.58		0.75	Tarefa
3. “...consigo fazer melhor do que os meus colegas”	0.47	0.69		Ego
4. “...os outros não conseguem fazer tão bem como eu”	0.64	0.80		Ego
5. “...aprendo algo que me dá prazer fazer”	0.50		0.69	Tarefa
6. “...os outros cometem erros e eu não”	0.44	0.65		Ego
7. “...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante”	0.61		0.78	Tarefa
8. “... trabalho realmente bastante”	0.43		0.66	Tarefa
9. “...ganho a maioria das provas ou marco a maioria dos pontos”	0.49	0.69		Ego
10. “...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais”	0.49		0.70	Tarefa
11. “...sou o melhor”	0.56	0.74		Ego
12. “... Sinto que uma técnica que aprendo está bem”	0.34		0.55	Tarefa
13. “... Faço o meu melhor”	0.43	0.63		Ego

Total: Cardoso (2004) + Presente Estudo

Tabela 14: Análise de componentes principais do TEOSQ no estudo conjunto de Cardoso (2004) e presente estudo, sendo o n=993

Item	Comunalidades	F1	F2	Dimensão
1. "... sou o único a executar as técnicas"	0.50	0.70		Ego
2. "...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais"	0.50		0.70	Tarefa
3. "...consigo fazer melhor do que os meus colegas"	0.55	0.74		Ego
4. "...os outros não conseguem fazer tão bem como eu"	0.62	0.79		Ego
5. "...aprendo algo que me dá prazer fazer"	0.48		0.68	Tarefa
6. "...os outros cometem erros e eu não"	0.56	0.74		Ego
7. "...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante"	0.56		0.74	Tarefa
8. "... trabalho realmente bastante"	0.39		0.62	Tarefa
9. "...ganho a maioria das provas ou marco a maioria dos pontos"	0.46	0.67		Ego
10. "...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais"	0.51		0.71	Tarefa
11. "...sou o melhor"	0.60	0.78		Ego
12. "... Sinto que uma técnica que aprendo está bem"	0.32		0.51	Tarefa
13. "... Faço o meu melhor"	0.42		0.65	Tarefa

Como facilmente se pode observar, neste caso, estamos perante uma solução bifactorial, ou seja, só existem dois factores, duas dimensões, sem quaisquer itens ambíguos.

Através da observação das tabelas anteriores (12, 13 e 14), constata-se que não houve alteração da estrutura factorial, sendo notados alguns afinamentos, a saber: o item 13 "faço o meu melhor...", que no estudo de Cardoso 2004 entrava na dimensão "Tarefa", no presente estudo entra na dimensão "Ego". No total dos estudos de Cardoso (2004) e Cruz (2005), dá "consistência" ao estudo de Cardoso 2004 e coloca-o na dimensão "Tarefa".

Tabela 15: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 2 dimensões no estudo de Cardoso (2004)

Dimensão	Item	Carga Factorial
Ego	11 "...sou o melhor"	0.79
	3 "...consigo fazer melhor do que os meus colegas"	0.77
	4 "...os outros não conseguem fazer tão bem como eu"	0.77
	6 "...os outros cometem erros e eu não"	0.77
Tarefa	10 "...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais"	0.73
	7 "...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante"	0.72
	5 "...aprendo algo que me dá prazer fazer"	0.69
	2 "...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais"	0.60

Como se pode observar através da tabela 15 e, no que diz respeito à dimensão “Ego”, os 4 itens com maior carga factorial são: o item 11 “...sou o melhor”; o item 3 “...consigo fazer melhor do que os meus colegas”; o item 4 “...os outros não conseguem fazer tão bem como eu” e o item 6 “...os outros cometem erros e eu não”.

Relativamente à dimensão “Tarefa” os 4 itens com maior carga factorial são: o item 10 “...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais”; o item 7 “...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante”; o item 5 “...aprendo algo que me dá prazer fazer” e o item 2 “...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais”.

Tabela 16: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 2 dimensões no presente estudo.

Dimensão	Item		Carga Factorial
Ego	4	“...os outros não conseguem fazer tão bem como eu”	0.80
	11	“...sou o melhor”	0.74
	3	“...consigo fazer melhor do que os meus colegas”	0.69
	9	“...ganho a maioria das provas ou marco a maioria dos pontos”	0.69
Tarefa	7	“...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante”	0.78
	2	“...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais”	0.75
	10	“...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais”	0.70
	5	“...aprendo algo que me dá prazer fazer”	0.69

No presente estudo os 4 itens com maiores cargas factoriais para as várias dimensões são praticamente os mesmos que no estudo do ano passado de Cardoso 2004, diferem em alguns casos na carga factorial.

Apenas se verifica uma diferença na dimensão “Ego”, em que o item 6 “...os outros cometem erros e eu não” no estudo de Cardoso 2004 é substituído no presente estudo por o item 9 “...ganho a maioria das provas ou marco a maioria dos pontos”. No entanto o total dos dois estudos aponta o item 6 como sendo um dos quatro itens com maior carga factorial para a dimensão “Ego”.

Tabela 17: Agregação dos 4 itens com maior carga factorial pela estrutura de 2 dimensões no total dos estudos de Cardoso 2004 e no presente estudo.

Dimensão	Item		Carga Factorial
Ego	4	“...os outros não conseguem fazer tão bem como eu”	0.79
	11	“...sou o melhor”	0.78
	3	“...consigo fazer melhor do que os meus colegas”	0.74
	6	“...os outros cometem erros e eu não”	0.74
Tarefa	7	“...aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante”	0.74
	10	“...algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais”	0.71
	2	“...aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais”	0.70
	5	“...aprendo algo que me dá prazer fazer”	0.68

A análise dos quatro itens com maior carga factorial na estrutura bifactorial que resulta do TEOSQ parece invariante nos estudos de Cardoso (2004) e no presente estudo – ver tabela 17.

Salienta-se que na análise factorial por nós efectuada, na dimensão *ego*, o item 9 “...ganho a maioria das provas ou marco a maioria dos pontos” assinalado no presente estudo, não consta no estudo de Cardoso (2004) e no total dos estudos. – ver tabelas 15, 16 e 17.

Tabela 18: Índice de consistência interna das várias dimensões no presente estudo.

Dimensão	Item	Alfa se o item for eliminado	Alfa
Ego	1	0.68	0.72
	3	0.66	
	4	0.63	
	6	0.67	
	9	0.66	
	11	0.65	
	13	0.80	
Tarefa	2	0.72	0.77
	5	0.74	
	7	0.71	
	8	0.76	
	10	0.74	
	12	0.79	

Como se pode observar na tabela 18, todos os factores apresentam adequada consistência interna. A dimensão que apresenta melhor índice de consistência interna é a “Tarefa”.

CAPITULO 5

CONCLUSÕES

5.1 Limitações do Estudo

Antes da apresentação das conclusões propriamente ditas, impõem-se o reconhecimento de algumas limitações deste estudo:

- O número de participantes na amostra e o facto de pertencerem apenas a três distritos do país, Aveiro, Coimbra e Viseu, não nos permitem realizar um estudo cujas conclusões sejam extrapoladas para a realidade do desporto infanto-juvenil a nível nacional;

- Embora as modalidades apresentadas no estudo sejam as que possuem maior visibilidade a nível nacional, não foi possível proceder a uma recolha de dados uniformes relativamente ao número de respondentes masculinos e femininos em cada uma delas;

- Verifica-se também que a amostra não se encontra satisfatoriamente distribuída pelas diferentes modalidades presentes no estudo. Existe um peso excessivo do futebol, do basquetebol, da natação, do atletismo e do voleibol (em detrimento de outras modalidades pouco representadas). De modo a melhor comparar os grupos em análise, deve-se aumentar e equilibrar a amostra (número de atletas semelhantes para todas as modalidades);

5.2 Conclusões propriamente ditas

De forma atenta aos resultados obtidos e às limitações apontadas, apresentamos as seguintes conclusões:

- No instrumento, “*Sport Attitudes Questionnaire*” (SAQ), foram extraídas quatro dimensões: “*Cheating*” (batota), “*Gamesmanship*” (antidesportivismo), “*Convention*” (convenção) e “*Commitment*” (compromisso).
- No instrumento, “*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*” (TEOSQ), foram extraídas duas dimensões: (“*Tarefa*” e “*Ego*”).
- Todos os factores apresentam adequada consistência interna e não existem itens ambíguos;
- Confirmam-se as hipóteses, existe uma invariância na estrutura factorial do SAQ e do TEOSQ, face aos estudos de Lee & Whitehead (2002) e de Cardoso (2004).
- A solução encontrada adequa-se ao modelo proposto por Lee e Whitehead (2002).

5.3 Sugestões para futuras pesquisas

Devido ao facto de este tema ser pouco explorado, principalmente em Portugal, seria interessante e importante realizar mais estudos semelhantes, para confirmar os resultados obtidos e as conclusões retiradas. De acordo com os resultados obtidos no presente estudo e respectivos objectivos, foram aparecendo algumas curiosidades interessantes.

Aqui ficam algumas sugestões que poderão ser alvo de futuras pesquisas:

- Efectuar estudos longitudinais, que permita saber como evoluem as atitudes e a orientação para a realização de objectivos dos jovens atletas.
- Estudar os responsáveis pelas equipas de jovens atletas, investigando se favorecem um clima de treino e de competição orientado para a tarefa ou para o ego.
- Estudar as atitudes e orientação para a realização de objectivos no contexto federado, explorando as diferenças entre os desportos colectivos e os desportos individuais.
- Estudar os praticantes de elite separadamente, tentando descobrir se existem diferenças entre estes atletas e os restantes praticantes, influenciam as atitudes e a orientação para a realização de objectivos.

CAPITULO 6

BIBLIOGRAFIA

- Adelino J (1990). Valerá a pena falar em espírito desportivo? *Actas do Seminário Internacional Espírito Desportivo* (pp. 43-48). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Aldridge J (1993). Skeletal growth and development. In Lee, M. (Ed.), *Coaching children in sport* (pp. 51-63). London: E & FN SPON.
- Alves F (2002). Desporto, saúde e educação. Pode o movimento associativo alhear-se dos grandes desígnios do desenvolvimento nacional? In Confederação do Desporto de Portugal (Ed.), *Alta Competição – Uma Cultura de Exigência*, (pp. 117-145). Algés: CDP
- Andrade J (1992). *Os valores na formação pessoal e social*. Lisboa: Texto Editora.
- Bento J (1990). À procura de referências para uma ética do desporto. In Bento, J. e Marques, A. (Ed.), *Desporto, Ética, Sociedade. Actas do Fórum Desporto, Ética, Sociedade*, (pp. 23-39). Porto: F.C.D.E.F., U.P..
- Bento J (s/d). Novas motivações para a prática desportiva. In Constantino, J. (Ed.), *O Desporto no Século XXI - Os Novos Desafios*, (pp. 113-146). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Biddie S (1993). How children see success and failure. In Lee, M. (Ed.), *Coaching children in sport* (pp. 122-133). London: E & FN SPON.
- Biddie S (1999). Attrition and dissatisfaction in youth sports. In Malina, R. e Clark, M. (Ed.) *Youth Sports. Perspectives for a new century* (pp. 139-148). Coaches Choice.

- Branta C, Painter M e Kiger J (1987). Gender differences in play patterns and sport participation of north american youth. In Gould, D. e Weiss, M. (Ed.) *Advances in Pediatric Sport Sciences*. (pp. 25-42). Human Kinetics Publishers Inc.: Champaign, Illinois.
- Bredemeier B (1988). The moral of the youth sport story. In Brown, E. e Branta, C. (Ed.), *Competitive Sports for Children and Youth. An Overview of Research and Issues* (pp. 285-295). Human Kinetics Publishers, Inc.
- Bredemeier B e Shields D (1996). Moral development and children's sport. In Smoll, F. e Smith, R. (Ed.), *Children and youth in sport. A biopsychosocial perspective* (pp. 381-404). Madison: Brown & Benchmark.
- Brustad R (1996). Parental and peer influence on children's psychological development through sport. In Smoll, F. e Smith, R. (Ed.), *Children and youth in sport. A biopsychosocial perspective* (pp.112-124). Madison: Brown & Benchmark
- Brustad R (1999). Parental roles and involvement in youth sports: psychosocial outcomes for children. In Malina, R. and Clark, M. (Ed.). *Youth Sports. Perspectives for a new century* (pp. 127-138). Coaches Choice.
- Cardoso L (2004). *Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional: relatório preliminar em jovens atletas de modalidades colectivas e individuais*, seminário (407), Coimbra: F.C.D.E.F., U.C..
- Carlson R (1965). Stability and change in the adolescent self-image. *Child Development*. 36: 659-666.
- Coelho O (1988). *Pedagogia do desporto: contributos para uma compreensão do desporto juvenil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Crespo J (1986). O desporto e a formação da personalidade. *Revista Horizonte*, 3, (16), 111-116.

- Cruz J, Boixados M, Valiente L, Ruiz A, Arbona P, Molons Z, Call J, Berbell G e Capdevila L (1991). Identificación de valores relevantes en jugadores jóvenes de fútbol. *Rev. de Investigación y Documentación sobre las CC de la E.F. y del Deporte*, 19, 80-99.
- D'Onofrio M (2002). Gender differences in physical activities and sports: motivational aspects. In Instituto Universitario di Scienze Motorie (Ed.), *Gender differences in human movement with special references to education*. (pp. 161-166). Roma: Tipografia Miligraf.
- Ewing M (1981). Race and gender differences in childrens socialization into sport. *Reserch quarterlyfor exercise and sport*.
- Feio N (1989). A dimensão ética e cultural do desporto. Ensaio sobre a multidimensionalidade do agon contemporâneo. In Bento, J. e Marques, A. (Ed.), *Desporto, Ética, Sociedade. Actas do Fórum Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 46-59). Porto: F.C.D.E.F., U.P..
- Fernandes A (2000). *A percepção dos atletas de desportos colectivos e de desportos individuais acerca da importância dos valores presentes na prática desportiva para a formação da personalidade*. Coimbra: F.C.D.E.F., U.C.
- Fishbein H (1984). The psychology of infancy and childhood: *evaluationary and cross-cultural perspectives*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Freire J (1986). Temperamento e valores. *Jornal do Médico CXX* (2154): 63, Janeiro, 1986.
- Freitas F (2004). *Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional: relatório preliminar em jovens atletas de desporto escolar e desporto federado, seminário* (415), Coimbra: F.C.D.E.F., U.C..
- Gill D (1986). *Psychological dynamics of sport* (pp. 79-111). United States of América: Human Kinetics.

- Gonçalves C (1988). O espírito desportivo na formação do jovem praticante. *Revista Horizonte*, Dossier, 5 (28).
- Gonçalves C (1989). Espírito desportivo: questão de ética, questão de educação. In Bento J e Marques A (Ed.), *Desporto, Ética, Sociedade. Actas do Fórum Desporto, Ética, Sociedade* (pp. 87-101). Porto: F.C.D.E.F., U.P..
- Gonçalves C (1999). O espírito desportivo na formação dos jovens praticantes. In *Seminário Internacional Treino de Jovens*, (pp. 111-122). Lisboa: Secretaria de Estado do Desporto.
- Gonçalves C e Silva M (2003). *Valores e orientação motivacional no desporto de jovens – estudo exploratório em basquetebolistas dos 13-16 anos*. Comunicação ao Congresso de Ciências do Desporto, Valência.
- Greendorfer S, Lewko J e Rosengren S (1996). Family and gender-based influences in sport socialization of children and adolescents. In Smoll, F. e Smith R. (Ed.), *Children and youth in sport. A biopsychosocial perspective* (pp. 89-111). Madison: Brown & Benchmark.
- Hardy L, Jones G e Gould D (1996). *Understanding psychological preparation for sport: theory and practice of elite -performers*. (pp. 77-80). England: John Wiley & Sons.
- Huxley A (1969). *Ends and means: an enquiry into the nature of ideal and into the methods of their realisation*. Londres: Chatto y Windus.
- Institute of youth sport (2001). *Parental influence in physical activity and sport*. Leicestershire: Institute of Youth Sport.
- Lee M (1993a). Moral development and children's sporting values. In Whitehead, J. (Ed.), *Developmental issues in children's sport and physical education*. (pp. 30-42). Institute for the Study of Children in Sport.

- Lee M (1993b). Why are you coaching children? In Lee, M. (Ed.), *Coaching children in sport* (pp. 27-38). London: E & FN SPON.
- Lee M, Whitehead J e Balchin J (2000). The measurement of values in youth sports: developments of the youth sport values questionnaire. *Journal of Sports and Exercise Psychology*, 22 (4), 307-326.
- Lourenço J (2004). *Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional: relatório preliminar em jovens atletas masculinos e femininos*, seminário (438), Coimbra: F.C.D.E.F., U.C..
- Malina R e Cumming S (1999). Current status and issues in youth sports In Malina, R. e Clark, M. (Ed.), *Youth Sports. Perspectives for a new century* (pp. 17- 25). Coaches Choice.
- Marivoet S (2001). *Hábitos desportivos da população portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Martens R e Gould D (1979). Attitudes of volunteer coaches toward significant youth sport issues. *Research quarterly Arabic Saoudite Afghanistan*, 50 (3). United States of América.
- Martens R (1988). Helping children become independent, responsible adults through sports. In Brown, E. E Branta, C. (Ed.), *Competitive Sports for Children and Youth. An Overview of Research and Issues* (pp. 297-307). Human Kinetics Publishers, Inc.
- Matos R (1997). A prática desportiva e o desenvolvimento moral, *Revista Horizonte*, 13 (78), 12-16.
- Níxon A (1980). Orientations towards sport participation among college students. *Journal of Sport Behavior*, 3.
- Orlick T (1980). *Inpursuit of excellence*. Ottawa: Coaching Association of Canada.

- Orlick T (1988). Mental links to excellence. *The sport psychologist*, 2 (2). United States of América.
- Patrício M (1989). A socialização e educação para os valores democráticos e direitos do Homem. *Revista Inovação – número especial*. Instituto de Inovação Educacional Lisboa, pp. 15-18.
- Petty R e Cacioppo J (1981). *Attitudes and persuasion: classic and contemporary approaches*. Dubuque, Iowa: Wm. C. Brown Company.
- Rijo A (2001). Deporte y moral: los valores educativos del deporte escolar. *Revista Digital*, 6 (31). Buenos Aires.
- Rosenberg F e Simmons R (1975). Sex differences in the self-concept in adolescence. *Sex Roles*. Vol. 1 (2): 147-159.
- Rockeach M (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Sanmartin M (1995). Valores sociales y deporte - *Ia actividad física y el deporte como transmissores de valores sociales y personales*. Madrid: Gymnos, Editorial Deportiva, S.L..
- Silva M, Sobral F e Malina R (2003). *Determinância sociogeográfica da prática desportiva na adolescência*. Centro de Estudos do Desporto Infanto-Juvenil, F.C.D.E.F, U.C..
- Simmons D e Dickinson R (1986). *Measurement of values expresion in sports and athletics*. *Perceptual and motor skills*, 62 (2). United States of América.
- Smith R e Small F (1996). Children and youth in sport. *A biopsychosocial perspective*, chapter 6 (pp. 73-86).
- Sobral F (1989). Para uma crítica axiológica do desporto e da educação corporal. In

- Bento J e Marques A (Ed.) *Desporto, Ética, Sociedade. Actas do Fórum Desporto, Ética, Sociedade*, (pp. 133-143). Porto: F.C.D.E.F., U.P..
- Thorpe R (1993a). Putting theory into practice - a sport example. In Lee, M. (Ed.), *Coaching children in sport* (pp. 273-286). London: E & FN SPON.
- Thorpe R (1993b). Selecting the right targets. In Lee, M. (Ed.), *Coaching children in sport*. (pp. 145-162). London: E & FN SPON.
- Tucker L e Parks J (2001). Effects of gender and sport type on intercollegiate athletes perceptions of the legitimacy of aggressive behaviours in sport. *Sociology of Sport Journal*, 18,403-413.
- Tannsjo T e Tamburrini C (2000). *Values in sport: elitism, nationalism, gender equality and scientific manufacture of winners*. Londres: E & FN Spon.
- Vaz G (1974). What price victory? *International Review of Sport Sociology*, 9.
- Violante A (2000). O trabalho com jovens atletas nas selecções nacionais de futebol. Alta competição demasiado cedo? *Treino Desportivo*, Ano 2, (especial 3), 49- 56.
- Webb H (1969). Professionalization of attitudes toward play among adolescents. In Kenyon G (Ed.), *Aspects of contemporary sport sociology*. Chicago: The Athletic Institute.
- Weinberg R e Gould D (1995). *Foundations of sport and exercise psychology* (pp. 495-511), United States of América: Human Kinetics.
- Weiss M (1999). Children's psychosocial development in youth sports In Malina, R. e Clark, M. (Ed.), *Youth Sports. Perspectives for a new century*. (pp. 109-126). Coaches Choice.
- Whitehead J (1993). Why children choose to do sport - or stop. In Lee, M. (Ed.), *Coaching children in sport* (pp. 109-121). London: E & FN SPON.

ANEXO A

“Sport Attitudes Questionnaire” (SAQ), de Lee e Whitehead (2002), cuja tradução e adaptação para português seguiu os procedimentos descritos em Lourenço (2004).

**Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra**

QUESTIONÁRIO DE ATITUDES FACE AO DESPORTO

NORD	

Como eu pratico desporto

Por favor, assinala cada frase com um círculo para mostrar como é que praticas a tua modalidade desportiva. O significado dos algarismos é o seguinte

1=Discordo totalmente	DT
2=Discordo	D
3=Não tenho a certeza	N
4=Concordo	C
5=Concordo totalmente	CT

Exemplo	D T	D	N	C	C T
Costumo jogar "jogos de computador"	1	2	3	4	5

Por favor responde às seguintes questões, relativas ao teu **desporto principal**

	DT	D	N	C	CT
1 Vou a todos os treinos	1	2	3	4	5
2 Às vezes perco tempo a perturbar o adversário	1	2	3	4	5
3 Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	1	2	3	4	5
4 Cumprimento os adversários depois de uma derrota	1	2	3	4	5
5 Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	1	2	3	4	5
6 Dou sempre o meu melhor	1	2	3	4	5
7 Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	1	2	3	4	5
8 Cumprimento o treinador adversário	1	2	3	4	5
9 Faço batota se ninguém der por isso	1	2	3	4	5
10 Por vezes tento enganar os meus adversários	1	2	3	4	5
11 Estou sempre a pensar em como posso melhorar	1	2	3	4	5
12 Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	1	2	3	4	5
13 Por vezes é preciso fazer batota	1	2	3	4	5
14 Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	1	2	3	4	5
15 Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	1	2	3	4	5
16 Não há problemas em fazer batota se ninguém notar	1	2	3	4	5
17 Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	1	2	3	4	5
18 Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	1	2	3	4	5
19 Por vezes faço batota para obter vantagem	1	2	3	4	5
20 É uma boa ideia irritar os meus adversários	1	2	3	4	5
21 Não desisto mesmo depois de ter cometido erros	1	2	3	4	5
22 Depois de ganhar cumprimento os meus adversários	1	2	3	4	5
23 Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	1	2	3	4	5

ANEXO B

“Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire” (TEOSQ), de Duda e Nichols (1989),
traduzido e adaptado para português por Fonseca (1999).

**Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra**

QUESTIONÁRIO DE ORIENTAÇÃO MOTIVACIONAL

NORD: _____

TEOSQp

Em seguida apresentam-se algumas informações relativas a opiniões ou sentimentos que o desporto provoca nas pessoas. Indique, por favor, o seu grau de concordância ou discordância, relativamente ao modo como considera que elas se aplicam a si, colocando para cada uma delas, uma cruz em cima da pontuação que mais se aproxima da sua opinião.

1	Discordo totalmente
2	
3	
4	
5	Concordo totalmente

1	... sou o único executar as técnicas	1	2	3	4	5
2	... aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	1	2	3	4	5
3	... consigo fazer melhor do que os meus colegas	1	2	3	4	5
4	... os outros não conseguem fazer tão bem como eu	1	2	3	4	5
5	... aprendo algo que me dá prazer fazer	1	2	3	4	5
6	... os outros cometem erros e eu não	1	2	3	4	5
7	... aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	1	2	3	4	5
8	... trabalho realmente bastante	1	2	3	4	5
9	... ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	1	2	3	4	5
10	... algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	1	2	3	4	5
11	... sou o melhor	1	2	3	4	5
12	... sinto que uma técnica que aprendo está bem	1	2	3	4	5
13	... faço o meu melhor	1	2	3	4	5

Habilitações literárias do pai (escolaridade):	
Habilitações literárias da mãe (escolaridade):	
Há quantos anos praticas desporto federado:	
Quantos vezes treinas por semana:	
Quantas horas treinas por semana:	

